UNE ✦ SACRA

Esoterismo

Fama e Confessio Fraternitatis

(os manifestos Rosa-Cruz)

✦ ✦ ✦

Anônimo (círculo de J. V. Andreae); tradução inglesa de Thomas Vaughan

Tradução (edição 1.1)

Créditos

Autor	Anônimo (círculo de J. V. Andreae); tradução inglesa de Thomas Vaughan
Data	1614 e 1615 (tradução inglesa de 1652)
Idioma original	Alemão
Versão	Tradução (edição 1.1)
Tradução	Tradução popular, a partir do texto inglês de Thomas Vaughan
Fonte	Wikisource (en) — The Fame and Confession of the Fraternity of R: C:, tradução de Eugenius Philalethes (Thomas Vaughan), Londres, 1652 (ed. 1658)
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

A Fama Fraternitatis (1614) e a Confessio Fraternitatis (1615) são os dois manifestos que deram origem à lenda dos Rosa-Cruzes.

Publicados anonimamente na Alemanha, em Kassel, anunciavam a existência de uma fraternidade secreta de sábios cristãos, fundada pelo misterioso Christian Rosenkreuz, que teria viajado pela Arábia, pelo Egito e pelo Marrocos, aprendido com os sábios do Oriente a medicina, a alquimia e a magia natural, e voltado à Alemanha para reformar as ciências e a religião.

A Fama conta a vida de Rosenkreuz e a descoberta, 120 anos depois da sua morte, do seu túmulo secreto, uma câmara de sete lados iluminada por um sol artificial, com o corpo intacto e livros de sabedoria.

A Confessio, escrita "aos sábios da Europa", explica os objetivos da Ordem e convida os leitores dignos a se juntarem a ela.

Os dois textos agitaram a Europa do século XVII, provocaram centenas de respostas e inspiraram a alquimia, a filosofia hermética e, mais tarde, a maçonaria e as ordens rosacruzes modernas.

Hoje a maioria dos estudiosos os atribui ao círculo do teólogo luterano Johann Valentin Andreae, em Tübingen.

O texto inglês é a tradução de "Eugenius Philalethes", pseudônimo do alquimista galês Thomas Vaughan, publicada em Londres em 1652 (aqui na edição de 1658), com a ortografia da época. O prefácio e as notas do tradutor ficaram de fora. O texto é apresentado como documento histórico do esoterismo.

Fonte: https://en.wikisource.org/wiki/The_Fame_and_Confession_of_the_Fraternity_of_R._C.

Esta tradução popular e o desenho deste arquivo são da Une Sacra, sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 (CC BY-NC-SA 4.0): pode copiar e compartilhar citando "Une Sacra (unesacra.com)", sem uso comercial e com a mesma licença. O texto original segue a licença da fonte. Termos de uso: unesacra.com/#/legal/terms

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Sumário

Fama Fraternitatis

Confessio Fraternitatis

FAMA FRATERNITATIS

✦

1 Uma vez que o único Deus sábio e misericordioso, nestes últimos dias, derramou tão ricamente a sua misericórdia e bondade sobre a humanidade, pelas quais chegamos cada vez mais ao perfeito conhecimento do seu Filho Jesus Cristo e da Natureza, podemos com justiça nos gloriar do tempo feliz em que não só nos foi descoberta a metade do Mundo, que antes era desconhecida e oculta, mas ele também nos manifestou muitas obras e criaturas da Natureza maravilhosas e nunca antes vistas, e além disso levantou homens dotados de grande sabedoria, que poderiam em parte renovar e levar à perfeição todas as Artes (nesta nossa época manchadas e imperfeitas); de modo que finalmente o Homem pudesse por isso entender a sua própria nobreza e valor, e por que é chamado Microcosmo, e até onde se estende o seu conhecimento na Natureza.

2 Embora o mundo rude pouco se agrade com isso, e antes sorria e zombe; e embora também o orgulho e a cobiça dos eruditos sejam tão grandes que não os deixam entrar em acordo; mas, se estivessem unidos, poderiam, de todas aquelas coisas que nesta nossa época Deus nos concede tão ricamente, compor o Librum Naturae, ou um método perfeito de todas as Artes: mas tal é a sua oposição que ainda se apegam e relutam em deixar o velho caminho, estimando Porfírio, Aristóteles e Galeno, sim, e aquilo que tem apenas uma mera aparência de saber, mais do que a Luz e a Verdade claras e manifestas; os quais, se vivessem agora, com muita alegria abandonariam as suas doutrinas errôneas.

2.2 Mas há fraqueza grande demais para tão grande Obra: e embora na Teologia, na Física e na Matemática a Verdade se oponha a eles, o velho Inimigo, com a sua sutileza e astúcia, se mostra impedindo todo bom propósito por meio dos seus instrumentos e de gente briguenta e vacilante. Por esse propósito de uma Reforma geral, o pai muito piedoso e altamente iluminado, nosso Irmão C.

2.3 R., um alemão, chefe e fundador da nossa Fraternidade, trabalhou muito e por muito tempo. Por causa da sua pobreza (embora descendesse de pais nobres), aos cinco anos de idade foi posto num mosteiro, onde aprendeu razoavelmente as línguas grega e latina; e (a seu pedido insistente), ainda na juventude, foi associado a um Irmão, P. A. L., que decidira ir à Terra Santa.

3 Embora esse Irmão morresse em Chipre, e assim nunca chegasse a Jerusalém, o nosso Irmão C. R. não voltou, mas embarcou e foi a Damasco, pensando ir dali a Jerusalém; mas, por causa da fraqueza do seu corpo, ficou ali, e pela sua habilidade na medicina ganhou muito favor com os turcos.

3.2 Entretanto conheceu por acaso os sábios de Damasco, na Arábia, e viu as grandes maravilhas que eles faziam, e como a Natureza lhes era descoberta; com isso aquele espírito alto e nobre do Irmão C.

3.3 R. foi tão estimulado que Jerusalém já não estava tanto em sua mente quanto Damasco; também não pôde mais refrear os seus desejos, mas fez um trato com os árabes para que o levassem por certa soma de dinheiro a Damasco.

3.4 Tinha apenas dezesseis anos quando chegou lá, mas era de uma forte constituição alemã; ali os sábios o receberam (como ele mesmo testemunha) não como um estranho, mas como alguém que esperavam havia

muito; chamaram-no pelo nome e mostraram-lhe outros segredos do seu mosteiro, com o que ele não pôde deixar de se admirar muito.

3.5 Aprendeu ali melhor a língua árabe, de modo que no ano seguinte traduziu o Livro M. para bom latim, e depois o trouxe consigo. Este é o lugar onde aprendeu a sua medicina e a sua matemática, com o que o mundo teria justa razão de se alegrar, se houvesse mais amor e menos inveja.

3.6 Depois de três anos voltou com bom consentimento, atravessou o Sinus Arabicus até o Egito, onde não ficou muito, mas só observou melhor ali as plantas e as criaturas; navegou por todo o mar Mediterrâneo para chegar a Fez, para onde os árabes o tinham encaminhado.

3.7 E é uma grande vergonha para nós que homens sábios, tão distantes uns dos outros, não só tenham uma só opinião, odiando todos os escritos briguentos, mas também estejam tão dispostos e prontos a transmitir os seus segredos a outros sob o selo do sigilo.

4 Todo ano os árabes e os africanos mandam alguém uns aos outros, perguntando uns aos outros sobre as suas Artes, se por acaso tinham descoberto coisas melhores, ou se a experiência tinha enfraquecido as suas razões.

4.2 Todo ano vinha algo à luz pelo qual a Matemática, a Medicina e a Magia (pois nestas são os de Fez muito hábeis) eram aperfeiçoadas; assim como hoje em dia não faltam na Alemanha homens eruditos, magos, cabalistas, médicos e filósofos, se houvesse apenas mais amor e bondade entre eles, ou se a maior parte deles não guardasse os seus segredos só para si.

4.3 Em Fez ele travou conhecimento com aqueles que comumente são chamados os Habitantes Elementais, que lhe revelaram muitos dos seus segredos: assim como nós, alemães, poderíamos igualmente reunir muitas

coisas, se houvesse entre nós a mesma união e o mesmo desejo de investigar os segredos.

5 Destes de Fez ele muitas vezes confessava que a sua Magia não era de todo pura, e também que a sua Cabala estava manchada com a sua religião; mas, apesar disso, soube fazer bom uso dela, e achou ainda melhores fundamentos para a sua fé, de todo concordes com a harmonia do mundo inteiro e maravilhosamente impressos em todos os períodos dos tempos.

5.2 E daí procede aquela bela concórdia: que, assim como em cada semente está contida uma árvore ou um fruto inteiro e bom, assim também está incluído no pequeno corpo do Homem o grande Mundo inteiro, cuja religião, governo, saúde, membros, natureza, linguagem, palavras e obras estão de acordo, em simpatia e em igual tom e melodia com Deus, o Céu e a Terra; e aquilo que está em desacordo com eles é erro, falsidade e coisa do Diabo, que sozinho é a primeira, a do meio e a última causa da discórdia, da cegueira e da escuridão no mundo.

5.3 Também, se alguém examinasse todas e cada uma das pessoas sobre a Terra, acharia que aquilo que é bom e reto está sempre de acordo consigo mesmo; mas todo o resto está manchado com mil ideias errôneas.

6 Depois de dois anos, o Irmão C. R. deixou a cidade de Fez e navegou com muitas coisas preciosas para a Espanha, esperando, já que ele mesmo tinha empregado tão bem e tão proveitosamente o seu tempo nas suas viagens, que os eruditos da Europa se alegrariam muito com ele e começariam a reger e ordenar todos os seus estudos segundo aqueles fundamentos sãos e seguros.

6.2 Por isso conferenciou com os eruditos da Espanha, mostrando-lhes os erros das nossas Artes, e como poderiam ser corrigidos, e de onde deveriam colher os verdadeiros indícios dos tempos que viriam, e em que deveriam estar de acordo com as coisas passadas; também como deviam ser emendadas as faltas da Igreja e toda a Philosophia Moralis.

6.3 Mostrou-lhes novos crescimentos, novos frutos e animais, que concordavam com a velha filosofia, e prescreveu-lhes novos Axiomata, pelos quais todas as coisas poderiam ser plenamente restauradas: mas para eles foi motivo de riso; e, sendo coisa nova para eles, temeram que o seu grande nome diminuísse se agora começassem de novo a aprender e a reconhecer os erros de muitos anos, aos quais estavam acostumados e com os quais já tinham ganho bastante. Quem ama a inquietação, que seja reformado.

7 A mesma canção lhe foi cantada também por outras nações, o que o comoveu ainda mais (porque lhe aconteceu contra a sua expectativa), estando ele então pronto a transmitir generosamente todas as suas Artes e segredos aos eruditos, se ao menos eles se dispusessem a escrever os Axiomata verdadeiros e infalíveis de todas as Faculdades, Ciências e Artes e da Natureza inteira, como aquilo que ele sabia que os dirigiria, como um globo ou círculo, ao único ponto do meio e Centrum; e (como é costume entre os árabes) isso deveria servir só aos sábios e eruditos como regra, para que houvesse também na Europa uma Sociedade que tivesse ouro, prata e pedras preciosas suficientes para dá-los aos reis para os seus usos necessários e fins lícitos; com a qual os governantes pudessem ser educados, para aprender tudo aquilo que Deus permitiu ao homem saber, e por isso estar capacitados, em todos os tempos de necessidade, a dar o seu conselho a quem o procurasse, como os oráculos dos pagãos. Em verdade devemos confessar

que o mundo, naqueles dias, já estava grávido daquelas grandes comoções, em trabalho de parto para dá-las à luz; e produziu homens laboriosos e dignos, que romperam com toda a força a escuridão e a barbárie, e nos deixaram, a nós que viemos depois, para segui-los; e certamente eles foram o ponto mais alto do Trigono Igneo, cuja chama agora deve brilhar cada vez mais, e sem dúvida dará ao mundo a última Luz.

8 Tal foi também Teofrasto em vocação e chamado; embora não fosse da nossa Fraternidade, leu diligentemente o Livro M., pelo qual o seu engenho agudo foi elevado; mas este homem também foi impedido no seu caminho pela multidão dos eruditos e dos que se fazem de sábios, de modo que nunca pôde conferenciar em paz com outros sobre o conhecimento e o entendimento que tinha da Natureza. Por isso, nos seus escritos, antes zombou desses intrometidos, e não lhes mostra inteiramente o que ele era: mas, mesmo assim, acha-se nele bem fundada a já citada Harmonia, que sem dúvida ele teria transmitido aos eruditos se não os tivesse achado mais dignos de sutil aborrecimento do que de ser instruídos em Artes e Ciências maiores; então, com uma vida livre e descuidada, ele perdeu o seu tempo e deixou ao mundo os seus prazeres tolos.

9 Mas, para que não esqueçamos o nosso amado pai, o Irmão C. R., ele, depois de muitas viagens penosas e das suas verdadeiras instruções sem fruto, voltou de novo à Alemanha, que ele amava de coração (por causa das mudanças que logo viriam e das estranhas e perigosas contendas). Ali, embora pudesse ter se vangloriado da sua Arte, especialmente das transmutações dos metais, estimava mais o Céu e os seus cidadãos, os homens, do que toda vanglória e pompa.

10 Ainda assim construiu uma habitação adequada e asseada, na qual ruminou a sua viagem e a sua filosofia e as reduziu juntas num verdadeiro memorial. Nesta casa passou muito tempo na matemática e fez muitos instrumentos finos, ex omnibus hujus artis partibus, dos quais pouco nos resta, como entendereis adiante.

10.2 Depois de cinco anos voltou-lhe à mente a desejada Reforma; e, como duvidava da ajuda e do auxílio dos outros, embora ele mesmo fosse trabalhador, vigoroso e incansável, decidiu tentá-la com alguns poucos que se juntaram a ele. Por isso desejou, para esse fim, tirar do seu primeiro mosteiro (ao qual tinha grande afeição) três dos seus irmãos, o Irmão G. V., o Irmão J.

10.3 A. e o Irmão J. O., que, ademais, tinham nas Artes mais conhecimento do que muitos outros naquele tempo; ligou esses três a si para que fossem fiéis, diligentes e secretos, e também para que pusessem cuidadosamente por escrito tudo aquilo em que ele os dirigisse e instruísse, a fim de que os que viessem depois, e por revelação especial fossem recebidos nesta Fraternidade, não fossem enganados em uma só sílaba e palavra.

11 Desta maneira começou a Fraternidade da Rosa-Cruz: primeiro com só quatro pessoas, e por elas foi feita a linguagem e a escrita mágica, com um grande dicionário, que ainda hoje usamos diariamente para louvor e glória de Deus, e nele achamos grande sabedoria; fizeram também a primeira parte do Livro M.

11.2 Mas, como esse trabalho era pesado demais e a indizível afluência de doentes os atrapalhava, e também porque o seu novo edifício (chamado Sancti Spiritus) já estava terminado, decidiram atrair e receber ainda ou-

tros na sua Fraternidade. Para isso foram escolhidos o Irmão R. C., filho do irmão do seu falecido pai; o Irmão B., hábil pintor; G. e P.

11.3 D., o seu secretário; todos alemães, exceto J. A.; de modo que ao todo eram oito, todos solteiros e de virgindade votada, pelos quais foi reunido um livro ou volume de tudo o que o homem pode desejar, querer ou esperar.

12 Embora agora confessemos livremente que o mundo melhorou muito em cem anos, estamos certos de que os nossos Axiomata permanecerão inabaláveis até o fim do mundo, e também de que o mundo, na sua mais alta e última idade, não chegará a ver outra coisa; pois a nossa Rota tem o seu começo naquele dia em que Deus disse Fiat, e terminará quando ele disser Pereat; mas o relógio de Deus bate cada minuto, enquanto o nosso mal bate as horas inteiras. Também cremos firmemente que, se os nossos irmãos e pais tivessem vivido nesta nossa luz presente e clara, teriam tratado com mais aspereza o Papa, Maomé, os escribas, os artistas e os sofistas, e se teriam mostrado mais prestativos, não só com suspiros e desejando o seu fim e consumação.

13 Quando esses oito Irmãos tinham disposto e ordenado todas as coisas de tal maneira que já não havia necessidade de grande trabalho, e também cada um estava suficientemente instruído e capaz de discorrer perfeitamente sobre a filosofia secreta e a manifesta, não quiseram ficar mais tempo juntos, mas, como tinham combinado no começo, separaram-se em vários países, não só para que os seus Axiomata pudessem ser examinados em segredo mais profundamente pelos eruditos, mas também para que eles mesmos, se num país ou noutro observassem alguma coisa ou percebessem algum erro, pudessem informar uns aos outros.

14 O seu acordo era este: Primeiro, que nenhum deles professasse outra coisa senão curar os doentes, e isso de graça. 2. Que nenhum dos sucessores fosse obrigado a usar um certo tipo de traje, mas nisso seguisse o costume do país. 3. Que todo ano, no dia C., se reunissem na casa S. Spiritus, ou escrevessem a causa da sua ausência. 4.

14.2 Que cada Irmão procurasse uma pessoa digna que, depois da sua morte, pudesse sucedê-lo. 5. Que a palavra C. R. fosse o seu selo, marca e caráter. 6. Que a Fraternidade permanecesse secreta por cem anos. A estes seis artigos se obrigaram uns aos outros a guardar; e cinco dos Irmãos partiram; só os Irmãos B. e D. ficaram com o Pai, o Irmão R.

14.3 C., um ano inteiro; quando também estes partiram, ficou com ele o seu primo e Irmão C. O., de modo que todos os dias da sua vida ele teve consigo dois dos seus Irmãos. E embora a Igreja ainda não estivesse purificada, sabemos que eles pensavam nela e no que esperavam com desejo ardente.

14.4 Todo ano se reuniam com alegria e faziam um relato completo daquilo que tinham feito; deve ter havido certamente grande prazer em ouvir relatadas e contadas com verdade, sem invenção, todas as maravilhas que Deus derramou aqui e ali pelo mundo.

14.5 Cada um pode ter por certo que tais pessoas, enviadas e reunidas por Deus e pelos Céus, e escolhidas dentre os mais sábios dos homens que viveram em muitas eras, viveram juntas, acima de todas as outras, na mais alta unidade, no maior segredo e na maior bondade umas com as outras.

15 Dessa maneira muito louvável passaram a vida; e, embora estivessem livres de todas as doenças e dores, não podiam, contudo, viver além do tempo marcado por Deus. O primeiro desta Fraternidade a morrer, e isso

na Inglaterra, foi J. O., como o Irmão C. muito antes lhe tinha predito; ele era muito perito e erudito na Cabala, como testemunha o seu livro chamado H.

15.2 Na Inglaterra fala-se muito dele, sobretudo porque curou da lepra um jovem conde de Norfolk. Tinham decidido que, tanto quanto possível, o lugar da sua sepultura fosse mantido em segredo, de modo que ainda hoje não sabemos o que foi feito de alguns deles; mas o lugar de cada um foi preenchido por um sucessor adequado.

15.3 Mas isto confessaremos publicamente pelo presente escrito, para honra de Deus: que, por mais segredos que tenhamos aprendido do Livro M. (embora diante dos nossos olhos contemplemos a imagem e o modelo do mundo inteiro), não nos são mostrados os nossos infortúnios nem a hora da morte, que só o próprio Deus conhece, querendo com isso que nos mantenhamos em contínua prontidão.

15.4 Mas sobre isso falaremos mais na nossa Confissão, onde expomos 37 razões pelas quais agora damos a conhecer a nossa Fraternidade e oferecemos tão altos mistérios livremente, sem coação nem recompensa; também prometemos mais ouro do que as duas Índias trazem ao rei da Espanha; pois a Europa está grávida e dará à luz uma criança forte, que precisará do presente de um grande padrinho.

16 Depois da morte de I. O., o Irmão R. C. não descansou, mas, assim que pôde, chamou os outros (e, como supomos, foi então que se fez o seu túmulo). Embora até agora nós (que fomos os últimos) não soubéssemos quando o nosso amado pai R.

16.2 C. morreu, e não tivéssemos mais que os simples nomes dos fundadores e de todos os seus sucessores, veio-nos à memória um segredo que, por palavras escuras e ocultas e discursos sobre os 100 anos, o Irmão A., sucessor de D. (que era da última e segunda fileira e sucessão, e tinha vivido entre muitos de nós), transmitiu a nós da terceira fileira e sucessão.

16.3 De outro modo devemos confessar que, depois da morte do dito A., nenhum de nós soube coisa alguma do Irmão R. C. e dos seus primeiros companheiros, além do que deles restava na nossa Bibliotheca filosófica, entre os quais os nossos Axiomata eram tidos pela principal Rota Mundi, como a mais artificiosa, e o Protheus, como o mais proveitoso.

16.4 Também não sabemos ao certo se os da segunda fileira tiveram a mesma sabedoria que os primeiros, e se foram admitidos a todas as coisas. Será declarado adiante ao gentil leitor não só o que ouvimos do sepultamento de R.

16.5 C., mas também manifestado publicamente, pela previdência, permissão e mandamento de Deus, a quem obedecemos fielmente, que, se nos responderem com discrição e de modo cristão, não teremos medo de pôr publicamente em letra impressa os nossos nomes e sobrenomes, as nossas reuniões ou qualquer outra coisa que nos possa ser exigida.

17 Ora, o verdadeiro e fundamental relato da descoberta do altamente iluminado homem de Deus, o Irmão C. R. C., é este. Depois que A. faleceu na Gallia Narbonensis, sucedeu-o no seu lugar o nosso amado Irmão N. N.

17.2 Este homem, depois de vir a nós para fazer o juramento solene de fidelidade e segredo, informou-nos de boa-fé que A. o tinha consolado dizendo-lhe que esta Fraternidade em breve não ficaria tão oculta, mas seria

útil, necessária e louvável a toda a nação alemã; coisa de que ele, na sua condição, de modo algum se envergonhava.

17.3 No ano seguinte, depois de terminar os seus estudos e pensando agora em viajar, estando para isso suficientemente provido com a bolsa de Fortunato, pensou (sendo bom arquiteto) em alterar algo no seu edifício e torná-lo mais adequado.

17.4 Nessa reforma topou com a placa memorial, que era fundida em bronze e continha todos os nomes dos irmãos, com algumas outras coisas; quis transferi-la para outra abóbada mais adequada, pois onde e quando morreu o Irmão R. C., ou em que país foi sepultado, tinha sido ocultado pelos nossos predecessores e era desconhecido para nós.

17.5 Nesta placa estava cravado um grande prego, bastante forte; de modo que, quando foi arrancado à força, levou consigo uma pedra razoavelmente grande da parede fina, ou do reboco da porta escondida, e assim, sem que se esperasse, descobriu a porta.

17.6 Por isso, com alegria e ansiedade, derrubamos o resto da parede e desimpedimos a porta, sobre a qual estava escrito em letras grandes: Post 120 annos patebo, com o ano do Senhor embaixo.

17.7 Por isso demos graças a Deus e deixamos tudo descansar aquela noite, porque primeiro queríamos consultar a nossa Rota; mas remetemos de novo à Confissão, pois o que aqui publicamos é feito para ajuda dos dignos, mas aos indignos (se Deus quiser) será de pouco proveito.

17.8 Pois, assim como a nossa porta foi maravilhosamente descoberta depois de tantos anos, também se abrirá uma porta para a Europa (quando a parede for removida), que já começa a aparecer e é esperada com grande desejo por muitos.

18 Na manhã seguinte abrimos a porta, e apareceu à nossa vista uma abóbada de sete lados e cantos, cada lado com cinco pés de largura e oito pés de altura. Embora o sol nunca brilhasse nesta abóbada, ela era iluminada por outro sol, que tinha aprendido isto do Sol, e estava situado na parte de cima, no centro do teto; no meio, em vez de uma lápide, havia um altar redondo coberto com uma placa de bronze, e nele estava gravado:

19 A. C. R. C. Hoc universi compendium unius mihi sepulchrum feci.

20 Ao redor do primeiro círculo ou borda estava:

21 Jesus mihi omnia.

22 No meio havia quatro figuras, encerradas em círculos, cuja inscrição era:

23 Nequaquam vacuum. Legis Iugum. Libertas Evangelii. Dei gloria intacta. Tudo isto é claro e brilhante, assim como o sétimo lado e os dois Heptagoni; então nos ajoelhamos todos e demos graças ao único sábio, único poderoso e único eterno Deus, que nos ensinou mais do que todo o engenho dos homens poderia ter descoberto; louvado seja o seu santo nome. Esta abóbada dividimos em três partes: a parte de cima, ou teto; a parede, ou lado; o chão, ou piso.

24 Da parte de cima não sabereis mais nada por agora, a não ser que estava dividida, segundo os sete lados, no triângulo que estava no centro brilhante; mas o que nele está contido, vós (os que desejais a nossa sociedade) o vereis, se Deus quiser, com os vossos próprios olhos. Mas cada lado ou parede está dividido em dez quadrados, cada um com as suas figuras e sentenças, como estão fielmente mostrados e expostos Concentratum aqui no nosso livro.

25 O fundo, por sua vez, está dividido no triângulo; mas, como nele está descrito o poder e o domínio dos Governantes inferiores, deixamos de manifestá-lo, por medo do abuso por parte do mundo mau e ímpio. Mas os que estão providos e munidos do Antídoto celeste pisam sem medo nem dano e esmagam a cabeça da velha e má serpente, para o que esta nossa época está bem preparada.

25.2 Cada lado ou parede tinha uma porta para um baú, onde jaziam diversas coisas, especialmente todos os nossos livros, que de outro modo já tínhamos, além do Vocabulário de Teofr. Par. Ho. e daqueles que diariamente e sem falsidade comunicamos. Aqui achamos também o seu Itinerarium e a sua vitam, de onde foi tirado na maior parte este relato.

25.3 Noutro baú havia espelhos de diversas virtudes, como também em outros lugares havia sininhos, lâmpadas acesas e, sobretudo, maravilhosos cantos artificiais; em geral tudo feito com este fim: que, se acontecesse depois de muitas centenas de anos que a Ordem ou Fraternidade se reduzisse a nada, ela pudesse ser restaurada só por meio desta abóbada.

26 Ora, ainda não tínhamos visto o corpo morto do nosso cuidadoso e sábio pai; por isso afastamos o altar para o lado, e ali levantamos uma forte placa de bronze, e achamos um corpo belo e digno, inteiro e não consumido, como está aqui vivamente retratado, com todos os ornamentos e vestes. Na mão segurava um livro de pergaminho, chamado I., que, depois da Bíblia, é o nosso maior tesouro, e que deve ser entregue à censura do mundo. No fim deste livro está o seguinte Elogium:

27 Granum pectori Jesu insitum.

[28] C. Ros. C. ex nobili atque splendida Germaniae R. C. familia oriundus, vir sui seculi divinis revelationibus subtilissimis imaginationibus, indefessis laboribus ad coelestia, atque humana mysteria; arcanave admissus postquam suam (quam Arabico, et Africano itineribus collegerat) plusquam regiam, atque imperatoriam Gazam suo seculo nondum convenientem, posteritati eruendam custodivisset et jam suarum Artium, ut et nominis, fidos ac conjunctissimos heredes instituisset, mundum minutum omnibus motibus magno illi respondentem fabricasset hocque tandem praeteritarum, praesentium, et futurarum, rerum compendio extracto centenario major non morbo (quem ipse nunquam corpore expertus erat, nunquam alios infestare sinebat) ullo pellente sed spiritu Dei evocante, illuminatam animam (inter Fratrum amplexus et ultima oscula) fidelissimo creatori Deo reddidisset, Pater dilectissimus, Fra. suavissimus, praeceptor fidelissimus amicus integerrimus, a suis ad 120 annos hic absconditus est.

[29] Embaixo tinham assinado estes:

[30] Fra. I. A. Fra. C. H. electione Fraternitatis caput. Fr. G. V. M. P. C. Fra. R. C. Iunior haeres S. spiritus. Fra. B. M. P. A. Pictor et Architectus. Fr. G. G. M. P. I. Cabalista. Secundi Circuli.

[31] Fra. P. A. Successor, Fr. I. O. Mathematicus. Fra. A. Successor, Fra. P. D. Fra. R. Successor patris C. R. C. cum Christo triumphantis. No fim estava escrito:

[32] Ex Deo nascimur, in Jesu morimur, per spiritum sanctum reviviscimus.

[33] Naquele tempo já tinham morrido o Irmão I. O. e o Irmão D.; mas o seu lugar de sepultura, onde se pode achar? Não duvidamos de que o nosso Irmão mais velho o saiba, e que alguma coisa especial tenha sido posta na

terra, e talvez também escondida.

33.2 Também esperamos que este nosso exemplo estimule outros a indagar mais diligentemente os seus nomes (que por isso publicamos) e a procurar o lugar da sua sepultura; pois a maior parte deles, por causa da sua prática e medicina, ainda é conhecida e louvada entre gente muito velha; assim talvez a nossa Gaza pudesse ser aumentada, ou ao menos mais bem esclarecida.

34 Quanto ao Minutum Mundum, achamo-lo guardado noutro altarzinho, em verdade mais fino do que qualquer homem de entendimento pode imaginar; mas o deixaremos sem descrição até que nos seja dada verdadeira resposta a esta nossa Famam sincera. E assim o cobrimos de novo com as placas, pusemos o altar por cima, fechamos a porta e a deixamos segura com todos os nossos selos.

34.2 Além disso, por instrução e ordem da nossa Rota, vieram à luz alguns livros, entre os quais está contido o H. (que foram feitos, em lugar dos cuidados da casa, pelo louvável M. P.). Por fim nos separamos uns dos outros e deixamos os herdeiros naturais na posse das nossas joias. E assim esperamos a resposta e o julgamento dos eruditos ou dos não eruditos.

35 Porém sabemos que, depois de algum tempo, haverá agora uma reforma geral, tanto das coisas divinas como das humanas, segundo o nosso desejo e a expectativa de outros; pois é conveniente que, antes do nascer do sol, apareça e rompa a Aurora, ou alguma claridade, ou luz divina no céu.

35.2 E assim, entretanto, alguns poucos, que darão os seus nomes, poderão se juntar, para aumentar com isso o número e o respeito da nossa Fraternidade, e fazer um começo feliz e desejado dos nossos Cânones filosóficos, prescritos a nós pelo nosso irmão R.

35.3 C., e participar conosco dos nossos tesouros (que nunca podem faltar nem ser gastos) com toda a humildade e amor, para serem aliviados do trabalho deste mundo e não andarem tão cegos no conhecimento das obras maravilhosas de Deus.

36 Mas, para que também todo cristão saiba de que religião e crença somos, confessamos ter o conhecimento de Jesus Cristo (como ele agora, nestes últimos dias, e principalmente na Alemanha, é professado de modo muito claro e puro, e hoje em dia está purificado e livre de toda gente desviada, hereges e falsos profetas), mantido, defendido e propagado em certos países notórios.

36.2 Também usamos dois sacramentos, como foram instituídos com todas as formas e cerimônias da primeira Igreja renovada. Na Politia reconhecemos o Império Romano e a Quartam Monarchiam como a nossa cabeça cristã; embora saibamos que mudanças estão próximas, e de bom grado as comunicaríamos de todo o coração a outros homens piedosos e eruditos, apesar do nosso manuscrito, que está em nossas mãos, ninguém (exceto só Deus) pode torná-lo comum, nem pessoa indigna alguma é capaz de nos privar dele.

36.3 Mas ajudaremos com auxílio secreto esta causa tão boa, conforme Deus nos permitir ou nos impedir; pois o nosso Deus não é cego, como a Fortuna dos pagãos, mas é o ornamento da Igreja e a honra do Templo.

36.4 A nossa filosofia também não é uma invenção nova, mas tal como Adão a recebeu depois da sua queda, e como Moisés e Salomão a usaram; também não deve ser muito posta em dúvida, nem contrariada por outras

opiniões ou sentidos; mas, uma vez que a verdade é pacífica, breve e sempre igual a si mesma em todas as coisas, e especialmente concorda com Jesus in omni parte e em todos os membros.

36.5 E, assim como ele é a verdadeira imagem do Pai, assim ela é a imagem dele. Não se dirá: isto é verdadeiro segundo a filosofia, mas verdadeiro segundo a teologia; e aquilo em que Platão, Aristóteles, Pitágoras e outros acertaram o alvo, e aquilo em que Enoque, Abraão, Moisés e Salomão se destacaram, mas especialmente aquilo com que concorda aquele livro maravilhoso, a Bíblia: tudo isso concorre junto e forma uma esfera ou globo, cujas partes estão todas à mesma distância do centro, como disto se falará mais amplamente e mais claramente numa conferência cristã.

37 Mas agora, quanto às ímpias e malditas fabricações de ouro (e sobretudo nesta nossa época), que ganharam tanto terreno, com o pretexto das quais muitos vagabundos e trapaceiros cometem grandes vilanias e enganam e abusam do crédito que lhes é dado: sim, hoje em dia homens de juízo têm a transmutação dos metais pelo ponto mais alto e fastigium da filosofia; esta é toda a sua intenção e desejo, e que Deus seja por eles mais estimado e honrado por poder fazer grande provisão de ouro, e em abundância, o que esperam alcançar, com orações não meditadas, do Deus que tudo sabe e que sonda todos os corações. Por isso testemunhamos publicamente pelo presente escrito que os verdadeiros filósofos são de outro modo de pensar, estimando pouco a fabricação de ouro, que é apenas um parergon; pois, além disso, eles têm mil coisas melhores.

38 E dizemos com o nosso amado Pai R. C. C.: Phy. aurum nisi quantum aurum; pois a eles a natureza inteira é revelada; ele não se alegra por poder fazer ouro, e porque, como diz Cristo, os demônios lhe obedecem, mas está

contente por ver os céus abertos, e os anjos de Deus subindo e descendo, e o seu nome escrito no livro da vida.

38.2 Também testemunhamos que, sob o nome de Chymia, muitos livros e figuras são publicados in contumeliam gloriae Dei, como os nomearemos no devido tempo, e daremos aos puros de coração um catálogo ou registro deles. E pedimos a todos os eruditos que tomem cuidado com esse tipo de livros; pois o inimigo nunca descansa, mas semeia o seu joio, até que um mais forte o arranque.

38.3 Assim, segundo a vontade e a intenção do Irmão C. R. C., nós, seus irmãos, pedimos de novo a todos os eruditos da Europa que lerem (publicada em cinco línguas) esta nossa Famam e Confessionem, que se dignem ponderar com boa deliberação esta nossa oferta, examinar muito de perto e muito agudamente as suas Artes, observar o tempo presente com toda a diligência e declarar o seu pensamento, ou communicato consilio, ou singulatim, por escrito impresso.

39 E, embora agora não façamos menção nem dos nossos nomes nem das nossas reuniões, a opinião de cada um certamente chegará às nossas mãos, em qualquer língua que seja; nem ninguém deixará de falar com algum de nós, desde que dê o seu nome, ou de viva voz, ou, se houver algum impedimento, por escrito.

39.2 E isto dizemos como verdade: que quem nos tiver afeição sinceramente e de coração terá proveito nos bens, no corpo e na alma; mas quem for falso de coração, ou só ávido de riquezas, esse, antes de tudo, não poderá de modo algum nos fazer mal, mas trará a si mesmo a ruína e a destruição completas.

39.3 Também o nosso edifício (ainda que cem mil pessoas o tivessem visto e contemplado de muito perto) permanecerá para sempre intocado, indestrutível e oculto ao mundo mau, sub umbra alarum tuarum Jehova.

40 Um prefácio da Confissão ao leitor que deseja a sabedoria.

41 Aqui, gentil leitor, acharás incorporadas na nossa Confissão trinta e sete razões do nosso propósito e intenção, que, a teu gosto, podes procurar e comparar entre si; podes também considerar contigo mesmo se são de peso e suficientes para te levar e persuadir a tomar o nosso partido.

42 Em verdade não é pequeno o trabalho de confirmar aquilo que os homens ainda não viram; mas, quando uma vez vier à luz, não duvidamos de que então se envergonharão com justiça de tais dúvidas e conjecturas. E, assim como agora, com toda a segurança, livremente e sem dano algum, chamamos o Papa de Roma de Anticristo, o que antes era tido por pecado mortal, e por isso em todos os países se condenava à morte, assim sabemos com certeza que virá igualmente o tempo em que aquilo que ainda guardamos em segredo publicaremos e confessaremos abertamente, livremente e em alta voz diante do mundo inteiro; o que, gentil leitor, deseja conosco de todo o coração que aconteça depressa.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CONFESSIO FRATERNITATIS

✦

1 Tudo o que foi publicado e dado a conhecer a todos sobre a nossa Fraternidade pela já citada Fama, que ninguém o tenha em pouca conta, nem o considere coisa vã ou inventada, e muito menos o receba como se fosse apenas uma mera fantasia nossa. É o Senhor Jeová (que, vendo que o Sábado do Senhor está quase próximo e de novo apressado, terminado o seu período ou curso até o seu primeiro começo) que faz girar o curso da Natureza; e aquilo que antes se buscava com grande esforço e trabalho diário agora se manifesta àqueles que fazem pouco caso dele, ou mal pensam nele uma vez; mas aos que o desejam ele é de certo modo imposto e empurrado, para que com isso a vida dos piedosos seja aliviada de toda a sua fadiga e trabalho e não fique mais sujeita às tempestades da Fortuna inconstante; mas a maldade dos ímpios, com o seu devido e merecido castigo, seja aumentada e multiplicada.

2 Embora não possamos ser suspeitos por ninguém da menor heresia, nem de algum começo ou propósito mau contra o governo do mundo, condenamos o Oriente e o Ocidente (isto é, o Papa e Maomé), blasfemadores contra o nosso Senhor Jesus Cristo, e oferecemos e apresentamos de boa vontade ao chefe supremo do Império Romano as nossas orações, segredos e grandes tesouros de ouro.

3 Porém achamos bom e conveniente, por causa dos eruditos, acrescentar um pouco mais a isto e fazer uma explicação melhor, se houver alguma coisa demasiado profunda, oculta e posta de modo obscuro demais na

Fama, ou que por certas razões tenha sido de todo omitida e deixada de fora; esperando que com isso os eruditos se afeiçoem mais a nós e se tornem muito mais aptos e dispostos para o nosso propósito.

4 Quanto à mudança e emenda da Filosofia, já declaramos suficientemente (tanto quanto no presente é necessário) que ela é de todo fraca e defeituosa; e não duvidamos de que, embora a maioria alegue falsamente que ela (não sei como) está sã e forte, ela, apesar disso, dá o seu último suspiro e está partindo.

5 Mas, assim como comumente, no mesmo lugar ou país onde irrompe uma doença nova e não habitual, a Natureza também descobre ali um remédio contra ela, assim aparecem para as tão numerosas enfermidades da Filosofia os meios certos, suficientemente oferecidos à nossa pátria, pelos quais ela pode ficar sã de novo, ela que agora deve ser renovada e feita completamente nova.

6 Não temos outra Filosofia senão aquela que é a cabeça e a soma, o fundamento e o conteúdo de todas as faculdades, ciências e artes; a qual (se olharmos para a nossa época) contém muito de Teologia e de Medicina, mas pouco da sabedoria dos juristas, e investiga diligentemente o céu e a terra; ou, para falar brevemente, a que manifesta e declara suficientemente o Homem. Nela, então, todos os eruditos que se derem a conhecer a nós e entrarem na nossa irmandade acharão conosco segredos mais maravilhosos do que os que até agora alcançaram e conheceram, ou são capazes de crer ou exprimir.

7 Por isso, para declarar brevemente o nosso pensamento sobre isto, devemos trabalhar cuidadosamente para que não haja apenas admiração pela nossa convocação e exortação, mas para que também cada um saiba que, embora estimemos e prezemos muito tais mistérios e segredos, consideramos, porém, conveniente que o seu conhecimento seja manifestado e revelado a muitos.

8 Pois deve-se ensinar e crer que esta nossa oferta inesperada e voluntária despertará muitos e diversos pensamentos nos homens a quem (até agora) são desconhecidos os Miranda sextae aetatis, ou naqueles que, por causa do curso do mundo, estimam as coisas futuras como iguais às presentes e são impedidos por toda espécie de importunações deste seu tempo, de modo que não vivem no mundo de outra forma senão como tolos cegos, que, no dia claro de sol, nada podem discernir e conhecer a não ser pelo tato.

9 Ora, quanto à primeira parte, sustentamos isto: que as meditações, o conhecimento e as invenções do nosso amado Pai cristão (de tudo aquilo que, desde o começo do mundo, a sabedoria humana, seja pela revelação de Deus, seja pelo serviço dos anjos e espíritos, seja pela agudeza e profundidade do entendimento, seja pela longa observação, uso e experiência, descobriu, inventou, produziu, corrigiu e até agora propagou e transplantou) são tão excelentes, dignas e grandes que, se todos os livros perecessem e, pela permissão do Deus todo-poderoso, todos os escritos e todo o saber se perdessem, a posteridade seria capaz, só por elas, de lançar um novo fundamento e trazer de novo a verdade à luz; o que talvez não fosse tão difícil de fazer como se alguém começasse a demolir e destruir o velho edifício em

ruínas, e depois começasse a ampliar o pátio da frente, em seguida trazer luz aos aposentos, e então mudar as portas, as fechaduras e outras coisas segundo a nossa intenção.

10 Mas a quem não seria agradável que isto fosse manifestado a todos, em vez de ficar guardado e poupado como um ornamento especial para o tempo marcado que há de vir?

11 Por que não haveríamos de repousar e permanecer de todo o coração na única verdade (que os homens procuram por tantos caminhos errados e tortos), se só tivesse agradado a Deus acender para nós o sexto Candelabrum? Não seria bom que não precisássemos nos preocupar, nem temer a fome, a pobreza, a doença e a velhice?

12 Não seria uma coisa preciosa que pudésseis viver sempre como se tivésseis vivido desde o começo do mundo e, além disso, como se ainda fôsseis viver até o fim dele? Não seria excelente que habitásseis num só lugar, de modo que nem os povos que vivem além do rio Ganges, nas Índias, pudessem esconder coisa alguma, nem os que vivem no Peru pudessem manter em segredo os seus conselhos diante de ti?

13 Não seria uma coisa preciosa que pudésseis ler assim num só livro e, ao mesmo tempo, lendo, entender e lembrar tudo aquilo que em todos os outros livros (que houve até agora, que há agora e que ainda sairão) foi, é e será aprendido e descoberto neles?

14 Que agradável seria que pudésseis cantar de tal modo que, em vez de rochas de pedra, atraísseis pérolas e pedras preciosas; em vez de feras selvagens, espíritos; e, em vez do infernal Plutão, comovêsseis os poderosos príncipes do mundo?

15 Ó povo, o conselho de Deus é muito outro: ele decidiu agora aumentar e ampliar o número da nossa Fraternidade, o que empreendemos com tanta alegria quanto a que tivemos ao obter este grande tesouro sem mérito nosso, sim, sem nenhuma esperança e pensamento nossos; e propomo-nos a pô-lo em prática com a mesma fidelidade, de modo que nem a compaixão nem a piedade pelos nossos próprios filhos (que alguns de nós na Fraternidade têm) nos afastarão disso, porque sabemos que estes bens inesperados não podem ser herdados nem obtidos por acaso.

16 Se agora houver alguém que, por outro lado, se queixe da nossa discrição, porque oferecemos os nossos tesouros tão livremente e sem distinção a todos os homens, e não olhamos e respeitamos mais as pessoas piedosas, eruditas, sábias ou principescas do que o povo comum, a esses não contradizemos, visto que não é assunto leve e fácil; mas ao mesmo tempo damos a entender que os nossos Arcana, ou segredos, de modo algum serão comuns e em geral conhecidos.

16.2 Embora a Fama seja publicada em cinco línguas e manifestada a todos, sabemos muito bem, em parte, que os ignorantes e os espíritos grosseiros não a receberão nem darão atenção a ela; assim como também o merecimento dos que serão aceitos na nossa Fraternidade não é estimado e conhecido por nós pelo cuidado humano, mas pela regra da nossa revelação e manifestação.

16.3 Por isso, ainda que os indignos gritem e chamem mil vezes, ou se ofereçam e apresentem a nós mil vezes, Deus ordenou aos nossos ouvidos que não ouçam nenhum deles; sim, Deus nos cercou de tal modo com as

suas nuvens que a nós, seus servos, nenhuma violência ou força pode ser feita ou cometida; por isso não podemos ser vistos nem conhecidos por ninguém, a não ser que tenha os olhos de uma águia.

16.4 Foi necessário que a Fama fosse publicada na língua materna de cada um, para que não fossem privados do seu conhecimento aqueles que (embora ignorantes) Deus não excluiu da felicidade desta Fraternidade; a qual será dividida e repartida em certos graus, como os que habitam na cidade de Damcar, na Arábia, que têm uma ordem política muito diferente da dos outros árabes.

16.5 Pois lá governam só homens sábios e entendidos, que, com a permissão do rei, fazem leis particulares; segundo esse exemplo também o governo será instituído na Europa (do qual temos uma descrição deixada pelo nosso Pai cristão), quando primeiro estiver feito e tiver acontecido aquilo que deve preceder.

16.6 E dali em diante a nossa trombeta soará publicamente com som alto e grande ruído, isto é, quando aquilo (que no presente é mostrado por poucos e declarado secretamente, como coisa futura, em figuras e imagens) for livre e publicamente proclamado e o mundo inteiro se encher disso.

16.7 Do mesmo modo que antes muitas pessoas piedosas golpearam em segredo, e de todo sem esperança, a tirania do Papa, que depois, com grande empenho e zelo especial na Alemanha, foi derrubado do seu trono e pisado aos pés, cuja queda final está adiada e reservada para os nossos tempos, quando ele também será despedaçado com unhas, e se porá fim ao seu zurro de asno por uma nova voz: o que sabemos que já está razoavelmente manifesto e conhecido por muitos eruditos na Alemanha, como os seus escritos e felicitações secretas testemunham suficientemente.

17 Poderíamos aqui relatar e declarar tudo o que aconteceu desde o ano do Senhor de 1378 (ano em que nasceu o nosso Pai cristão) até agora, onde poderíamos recontar as mudanças que ele viu no mundo nestes cento e seis anos da sua vida, que ele deixou aos nossos Irmãos e a nós, depois da sua morte, para examinar; mas a brevidade que observamos não permite no presente recontá-lo, até um tempo mais adequado. Por agora basta, para os que não desprezam a nossa Declaração, tê-lo tocado brevemente, para preparar com isso o caminho para o seu conhecimento e amizade conosco.

18 Sim, aquele a quem é permitido ver e usar para a sua instrução aquelas grandes letras e caracteres que o Senhor Deus escreveu e imprimiu no edifício do Céu e da Terra, pela mudança dos governos, que de tempos em tempos foram mudados e renovados, esse já é (embora ainda desconhecido de si mesmo) nosso. E, como sabemos que ele não desprezará o nosso convite e chamado, assim ninguém tema engano algum; pois prometemos e dizemos abertamente que a retidão e as esperanças de ninguém o enganarão, seja quem for que se der a conhecer a nós sob o selo do segredo e desejar a nossa Fraternidade.

19 Mas aos falsos hipócritas, e aos que buscam outras coisas que não a sabedoria, dizemos e testemunhamos publicamente pelo presente escrito que não podemos ser dados a conhecer nem traídos a eles; e muito menos eles poderão nos fazer mal de qualquer maneira sem a vontade de Deus; mas certamente participarão de todo o castigo de que fala a nossa Fama; assim os seus conselhos maus cairão sobre eles mesmos, e os nossos tesouros permanecerão intocados e sem mexer, até que venha o Leão, que os pedirá para o seu uso e os empregará para a confirmação e o estabelecimento do seu Reino.

19.2 Devemos, pois, observar bem aqui e dar a conhecer a todos que Deus certamente e com toda a segurança decidiu enviar e conceder ao mundo, antes do seu fim, que logo depois se seguirá, uma Verdade, Luz, Vida e Glória tais como as que teve o primeiro homem, Adão, e que ele perdeu no Paraíso, depois do que os seus sucessores foram postos e lançados com ele à miséria.

19.3 Por isso cessarão toda servidão, falsidade, mentiras e escuridão, que aos poucos, com a grande revolução do mundo, se infiltraram em todas as artes, obras e governos dos homens e escureceram a maior parte deles.

19.4 Pois daí procedeu uma quantidade inumerável de toda espécie de opiniões falsas e heresias, de modo que mal o mais sábio de todos era capaz de saber de quem devia seguir e abraçar a doutrina e a opinião, e isso não podia ser bem e facilmente discernido; visto que, de um lado, eram retidos, impedidos e levados a erros pelo respeito aos filósofos e eruditos e, do outro, pela verdadeira experiência.

19.5 Tudo isso, quando uma vez for abolido e removido, e em lugar disso for instituída uma regra reta e verdadeira, então restarão agradecimentos aos que se esforçaram nisso; mas a própria Obra será atribuída à bem-aventurança da nossa época.

20 Assim como agora confessamos de bom grado que muitos homens importantes, com os seus escritos, serão de grande ajuda para esta Reforma que há de vir, assim não desejamos que nos seja atribuída esta honra, como se tal obra só a nós fosse ordenada e imposta; mas confessamos e testemunhamos abertamente com o Senhor Jesus Cristo que primeiro acontecerá que as pedras se levantem e ofereçam o seu serviço, antes que faltem executores e realizadores do conselho de Deus.

20.2 Sim, o Senhor Deus já enviou adiante certos mensageiros, que deviam testemunhar a sua vontade, a saber, algumas estrelas novas, que aparecem e são vistas no firmamento em Serpentario e em Cygno, as quais significam e se dão a conhecer a todos como poderosos Signacula de grandes e pesados assuntos.

20.3 Assim, pois, os escritos e caracteres secretos e ocultos são muito necessários para todas as coisas descobertas pelos homens. Embora aquele grande Livro da Natureza esteja aberto a todos os homens, há poucos que podem lê-lo e entendê-lo.

20.4 Pois, assim como foram dados ao homem dois instrumentos para ouvir, também dois para ver e dois para cheirar, mas só um para falar, e seria vão esperar fala dos ouvidos ou audição dos olhos, assim houve eras ou tempos que viram, houve também eras que ouviram, cheiraram e provaram; agora resta ainda que em breve tempo se dê honra igualmente à língua, e por ela aquilo que antes foi visto, ouvido e cheirado agora finalmente será falado e pronunciado, a saber, quando o mundo despertar do seu sono pesado e sonolento e, de coração aberto, de cabeça e pés descobertos, sair alegre e jubiloso ao encontro do sol que agora nasce.

21 Estes caracteres e letras, assim como Deus os incorporou aqui e ali na Sagrada Escritura, a Bíblia, assim também os imprimiu de modo muito visível na maravilhosa criação do céu e da terra, sim, em todos os animais.

21.2 De modo que, assim como o matemático ou o astrônomo pode ver e conhecer muito antes os eclipses que hão de vir, assim nós podemos em verdade prever e antever as trevas dos obscurecimentos da Igreja e quanto tempo durarão.

21.3 Destes caracteres ou letras tomamos emprestada a nossa escrita mágica, e descobrimos e fizemos para nós uma nova língua, na qual ao mesmo tempo se exprime e declara a natureza de todas as coisas; de modo que não é de admirar que não sejamos tão eloquentes em outras línguas, que sabemos estarem de todo em desacordo com as línguas dos nossos antepassados Adão e Enoque, e que foram completamente ocultadas pela confusão de Babel.

22 Mas devemos também dar-vos a entender que há ainda algumas penas de águia no nosso caminho, que atrapalham o nosso propósito. Por isso admoestamos a cada um que leia diligente e continuamente a Bíblia Sagrada; pois quem põe nela todo o seu prazer saberá que preparou para si um caminho excelente para entrar na nossa Fraternidade.

22.2 Pois, assim como esta é toda a soma e o conteúdo da nossa Regra, que toda letra ou caractere que há no mundo deve ser aprendido e bem observado, assim são semelhantes a nós e muito próximos aliados nossos os que fazem da Bíblia Sagrada a regra da sua vida e o alvo e fim de todos os seus estudos; sim, que a deixam ser um compêndio e conteúdo do mundo inteiro, e não só a têm continuamente na boca, mas sabem aplicar e dirigir o seu verdadeiro entendimento a todos os tempos e eras do mundo.

22.3 Também não é costume nosso prostituir e tornar tão comuns as Sagradas Escrituras; pois há inumeráveis intérpretes delas, uns alegando-as e torcendo-as para servir à sua opinião, outros para escandalizá-las, e de modo muito ímpio as comparam a um nariz de cera, que serviria igualmente aos teólogos, filósofos, médicos e matemáticos; contra todos esses

testemunhamos e reconhecemos abertamente que, desde o começo do mundo, não foi dado aos homens livro mais digno, mais excelente, mais admirável e salutar do que a Bíblia Sagrada.

22.4 Bem-aventurado quem a tem; mais bem-aventurado quem a lê diligentemente; mas o mais bem-aventurado de todos é quem verdadeiramente a entende, pois é o mais semelhante a Deus e o que mais se aproxima dele.

22.5 Mas tudo o que foi dito na Fama sobre os enganadores, contra a transmutação dos metais e o mais alto remédio do mundo, deve ser entendido assim: que de modo algum desprezamos ou fazemos pouco deste tão grande dom de Deus.

22.6 Mas, porque ela nem sempre traz consigo o conhecimento da Natureza, e este produz não só o remédio, mas também nos manifesta e abre inumeráveis segredos e maravilhas, é necessário que nos empenhemos em alcançar o entendimento e o conhecimento da Filosofia.

22.7 E, além disso, os engenhos excelentes não devem ser atraídos para a tintura dos metais antes de estarem bem exercitados no conhecimento da Natureza. Deve ser uma criatura insaciável aquele que chegou tão longe que nem a pobreza nem a doença podem lhe fazer mal; sim, que está elevado acima de todos os outros homens e tem domínio sobre aquilo que angustia, perturba e aflige os outros, e mesmo assim se entrega de novo a coisas vãs, como construir casas, fazer guerras e usar toda espécie de orgulho, porque tem provisão infinita de ouro e prata.

23 Deus se agrada de modo muito diferente, pois exalta os humildes e derruba com desdém os orgulhosos; aos que são de poucas palavras ele envia o seu santo anjo para falar com eles, mas aos tagarelas impuros ele expulsa

para o deserto e os lugares solitários: o que é a justa recompensa dos sedutores romanos, que vomitaram as suas blasfêmias contra Cristo e ainda não se abstêm das suas mentiras na luz clara e brilhante.

23.2 Na Alemanha todas as suas abominações e truques detestáveis foram revelados, para que com isso ele encha inteiramente a medida do pecado e se aproxime do fim do seu castigo. Por isso um dia acontecerá que a boca dessas víboras será fechada e o triplo chifre será reduzido a nada, como disso se discorrerá mais claramente e mais amplamente na nossa reunião.

24 Para concluir a nossa Confissão, devemos admoestar-vos seriamente a que deixeis de lado, se não todos, ao menos a maioria dos livros escritos por falsos alquimistas, que pensam ser apenas uma brincadeira ou passatempo quando abusam da Santíssima Trindade, aplicando-a a coisas vãs, ou enganam o povo com figuras muito estranhas e sentenças e discursos obscuros, e tiram o dinheiro dos simples; como hoje em dia são publicados livros demais desse tipo, que o inimigo do bem do homem diariamente mistura, e misturará até o fim, entre a boa semente, para tornar mais difícil de crer a Verdade, que em si mesma é simples, fácil e nua; mas, ao contrário, a falsidade é orgulhosa, altiva e colorida com uma espécie de brilho de aparente piedade e sabedoria humana.

24.2 Vós que sois sábios, evitai tais livros e voltai-vos para nós, que não buscamos o vosso dinheiro, mas vos oferecemos de muito bom grado os nossos grandes tesouros. Não caçamos os vossos bens com tinturas mentirosas e inventadas, mas desejamos fazer-vos participantes dos nossos bens.

24.3 Falamos convosco por parábolas, mas de bom grado vos levaríamos à exposição, ao entendimento, à declaração e ao conhecimento retos, simples, fáceis e sinceros de todos os segredos.

24.4 Não desejamos ser recebidos por vós, mas vos convidamos às nossas casas e palácios mais que régios, e isso em verdade não por impulso próprio, mas (para que também o saibais) como que forçados a isso, pela instigação do Espírito de Deus, pela sua admoestação e pela ocasião do tempo presente.

25 Que pensais, amado povo, e como vos sentis agora, uma vez que agora entendeis e sabeis que nos reconhecemos verdadeira e sinceramente como professando Cristo, condenamos o Papa, nos dedicamos à verdadeira Filosofia, levamos uma vida cristã e diariamente chamamos, rogamos e convidamos muitos mais para a nossa Fraternidade, aos quais aparece igualmente a mesma Luz de Deus?

25.2 Não considerais, enfim, como poderíeis começar conosco, não só ponderando os dons que há em vós e a experiência que tendes na Palavra de Deus, além da cuidadosa consideração da imperfeição de todas as artes e de muitas outras coisas inconvenientes, a buscar uma emenda nelas, a aplacar a Deus e a vos acomodar ao tempo em que viveis?

25.3 Certamente, se o fizerdes, seguir-se-á este proveito: que todos os bens que a Natureza espalhou maravilhosamente por todas as partes do mundo vos serão dados todos juntos de uma vez, e facilmente vos aliviarão de tudo aquilo que obscurece o entendimento do homem e atrapalha o seu funcionamento, como os vãos epiciclos e os círculos astronômicos excêntricos.

26 Mas aqueles homens pragmáticos e de cabeça agitada, que ou estão cegos pelo brilho do ouro, ou (para dizer mais verdadeiramente) que agora são honestos, mas, pensando que tão grandes riquezas nunca faltariam, poderiam facilmente ser corrompidos e levados à ociosidade e a uma vida desregrada e orgulhosa: a esses desejamos que não nos perturbem com o seu clamor ocioso e vão. Mas que pensem que, embora haja um remédio que poderia curar plenamente todas as doenças, aqueles que Deus destinou a afligir com doenças e a manter sob a vara da correção nunca obterão tal remédio.

27 Do mesmo modo, embora pudéssemos enriquecer o mundo inteiro, dotá-lo de saber e livrá-lo de inumeráveis misérias, nunca seremos manifestados e dados a conhecer a homem algum sem o especial agrado de Deus; sim, estará tão longe disso quem pensar em obter o proveito e ser participante das nossas riquezas e do nosso conhecimento sem e contra a vontade de Deus, que antes perderá a vida procurando-nos e buscando-nos do que nos achará e chegará à desejada felicidade da Fraternidade da Rosa-Cruz.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0